

# Redes-2025

Lucas Gurgel do Amaral, 14760234  
Pedro Henrique Santos Matos, 13684915  
Vinicius H. C. Rosa, 9395067

December 2025

## 1 Introdução

O ransomware se consolidou como uma das principais ameaças cibernéticas globais, causando interrupções em setores críticos e perdas financeiras expressivas. Relatórios recentes apontam crescimento contínuo em volume e sofisticação, impulsionado pelo uso de criptografia robusta, técnicas de evasão e ofensivas coordenadas contra serviços expostos (Lella *et al.*, 2023; Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023). O impacto econômico é amplificado por modelos de dupla e tripla extorsão, que combinam cifragem, exfiltração e chantagem pública.

Esse cenário é sustentado por um ecossistema industrializado de *Ransomware-as-a-Service* (RaaS), que padroniza ferramentas e *playbooks* e permite que afiliados adotem táticas conforme o alvo (Saccone *et al.*, 2025; Alzahrani *et al.*, 2025). Estudos recentes descrevem um *blueprint* recorrente: exploração de CVEs críticas ou credenciais válidas, movimento lateral acelerado, sabotagem de recuperação e extorsão estruturada (Saccone *et al.*, 2025). Em paralelo, há aumento de campanhas oportunistas sustentadas por *phishing*, kits de exploit e cadeias de suprimento comprometidas (Lella *et al.*, 2023).

A pesquisa também avança em mensurar padrões de propagação na rede e em fortalecer a detecção pré-criptação (*Pre-Encryption Ransomware Detection* — PERD), combinando análise comportamental e aprendizado de máquina (Cen *et al.*, 2024; Akibis *et al.*, 2024; Shaikh *et al.*, 2024; Rollere *et al.*, 2025). Esses trabalhos evidenciam que a proteção eficaz depende de identificar sinais iniciais, antes que a cifragem torne a recuperação inviável (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023).

Este artigo resume evidências da literatura recente e aplica-as ao estudo da propagação e do modus operandi de ransomware. Mapeamos a evolução histórica, descrevemos vetores de entrada e movimentação lateral, detalhamos a cadeia de ataque típica e analisamos estratégias de gangues e tendências de detecção precoce, com o objetivo de orientar práticas de mitigação baseadas em dados.

## 2 Evolução do Ransomware

A trajetória do ransomware, desde 1989, mostra um salto de códigos rudimentares para operações industriais, guiadas por incentivos econômicos e ecossistemas criminosos maduros. A evolução acompanha a expansão da superfície digital e a profissionalização das gangues, com mudanças claras nas técnicas, vetores de entrega e modelos de extorsão (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Lella *et al.*, 2023).

## 2.1 Primeira fase: germinação (1989–2009)

Os primeiros ataques (como o *AIDS Trojan*) usavam criptografia fraca e dependiam de engenharia social simples (disquetes e contadores de reinicialização). Apesar de inaugurar o conceito de pagamento por resgate, essa fase carecia de automação e escala, resultando em impacto limitado (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023). Variantes como Gpcode incorporaram algoritmos mais robustos, mas ainda operavam de forma isolada e sem alvo setorial definido.

## 2.2 Segunda fase: industrialização inicial (2010–2016)

Malwares como CryptoLocker consolidaram o uso combinado de AES e RSA, tornando a recuperação sem chave praticamente inviável e demonstrando viabilidade econômica. Campanhas de *spam*, *exploit kits* e botnets ampliaram a superfície de entrega. Surge o modelo de *Ransomware-as-a-Service* (RaaS), que democratiza a operação criminosa e acelera a proliferação de famílias (Shaikh *et al.*, 2024; Alzahrani *et al.*, 2025). A partir de 2014, observa-se a diversificação para plataformas móveis e macOS, explorando brechas em ecossistemas ARM e canais laterais de hardware (Zhang; Xiao; Zhang, 2016). Essa fase estabelece a ponte entre experimentação técnica e um mercado clandestino mais estruturado.

## 2.3 Terceira fase: consolidação, dupla extorsão e especialização (2017–presente)

O surto do WannaCry (2017) marcou a combinação de exploração automatizada (EternalBlue) com criptografia massiva, inaugurando a era das operações de alta velocidade. A partir daí, as gangues incorporam movimentação lateral acelerada, elevação de privilégios e persistência avançada como padrão (Saccone *et al.*, 2025). Modelos de dupla e tripla extorsão (cifrar, exfiltrar e ameaçar terceiros) tornam-se dominantes, elevando o valor dos resgates e a pressão sobre vítimas. Relatórios recentes mostram que o ransomware compõe parcela relevante do panorama de ameaças globais, com campanhas orientadas a setores críticos e cadeias de suprimento (Lella *et al.*, 2023). Estudos de tráfego e kill chain evidenciam ataques que alternam exploração de CVEs críticas, contas válidas e propagação interna automatizada (Cen *et al.*, 2024).

No estágio atual, observam-se dois eixos principais: (i) diversificação de técnicas para evasão e cifragem (criptografia intermitente, ofuscação e uso de IA) (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023), e (ii) especialização por alvo — gangues generalistas (LockBit, ALPHV) ampliam escala e sofisticação, enquanto grupos "especialistas" preferem phishing e credenciais reaproveitadas em nichos setoriais (Saccone *et al.*, 2025). A evolução recente também reforça a pesquisa de detecção precoce (pré-criptação), com abordagens baseadas em rede e comportamento (Akibis *et al.*, 2024; Rollere *et al.*, 2025).

## 3 Vetores de Propagação

Os estudos recentes convergem para um conjunto recorrente de vetores de propagação. As pesquisas de Cen *et al.* (Cen *et al.*, 2024), Alzahrani *et al.* (Alzahrani *et al.*, 2025) e Saccone *et al.* (Saccone *et al.*, 2025) mostram que os operadores combinam ataques de

phishing, exploração de CVEs, abuso de credenciais e efeitos em cadeia para maximizar a taxa de entrada e cobertura na rede vítima.

### 3.1 Phishing e Engenharia Social

Campanhas de *malspam* continuam sendo a forma mais frequente de entrega inicial, aproveitando anexos com macros ou links para *payloads* hospedados externamente (Cen *et al.*, 2024). O trabalho de Shaikh *et al.* evidencia que a expansão do trabalho remoto aumentou a superfície de ataque para e-mails maliciosos e mensagens de spear-phishing (Shaikh *et al.*, 2024). Saccone *et al.* mostram que gangues "especialistas" dependem mais de phishing e reutilização de credenciais do que grupos generalistas (Saccone *et al.*, 2025).

### 3.2 Exploração de Vulnerabilidades (CVEs) e Serviços Expostos

A base de 16 mil incidentes analisada por Saccone *et al.* revela que a técnica T1190 (exploração de serviços expostos) é um dos pontos mais usados no *kill chain*, com destaque para falhas de alta severidade (Saccone *et al.*, 2025). O modelo de Ransomware-as-a-Service descrito por Alzahrani *et al.* indica que afiliados exploram CVEs antigas em sistemas desatualizados, mantendo baixo custo de intrusão (Alzahrani *et al.*, 2025). Na fase inicial, Cen *et al.* listam exploração remota (RCE) e kits de *exploit* como vetores típicos (Cen *et al.*, 2024), reforçando a necessidade de gestão de patches e redução de superfície exposta.

### 3.3 Ataques a RDP, VPN e Credenciais Comprometidas

Segundo Cen *et al.*, serviços de área remota com senhas fracas ou reaproveitadas são frequentemente violados por *brute force* para entrega do *payload* (Cen *et al.*, 2024). Saccone *et al.* apontam que grupos especializados em setores específicos privilegiam credenciais vazadas ou compradas para evitar ruído de exploração (Saccone *et al.*, 2025). Esses vetores aparecem no estágio P1 da cadeia de ataque de Cen *et al.*, antes mesmo de qualquer persistência ou movimento lateral (Cen *et al.*, 2024).

### 3.4 Cadeia de Suprimentos e Atualizações Comprometidas

Cen *et al.* destacam que atualizações de software e dependências confiáveis podem ser adulteradas para entregar o ransomware, explorando a relação de confiança entre fornecedor e cliente (Cen *et al.*, 2024). Esse vetor dilui a origem do ataque e dificulta a detecção precoce, pois o tráfego aparenta ser legítimo e assinado.

### 3.5 Propagação Interna Automatizada

Após o acesso inicial, a movimentação lateral tende a ser rápida e automatizada. Cen *et al.* descrevem o uso de protocolos de compartilhamento de arquivos e ferramentas internas para ampliar o alcance do *payload* (Cen *et al.*, 2024), enquanto Saccone *et al.* mapeiam a sequência TTP que vai de escalada de privilégios à criptografia (T1486) (Saccone *et al.*, 2025). Estudos focados em tráfego, como Akibis *et al.* (Akibis *et al.*, 2024), medem a velocidade de varredura e variação de pacotes durante esse movimento lateral, fornecendo indicadores para detecção antes da cifragem. Rollere *et al.* mostram que gráficos de

correlação temporal destacam essa aceleração do comportamento e ajudam a sinalizar hosts recém-comprometidos (Rollere *et al.*, 2025).

### 3.6 Indicadores Operacionais e Mitigação em Rede

Vários trabalhos sugerem sinais práticos para interromper a propagação. Anomalias em tráfego leste-oeste, especialmente picos de conexões SMB ou RDP entre hosts que não se comunicam normalmente, podem indicar varredura automática (Akibis *et al.*, 2024; Cen *et al.*, 2024). A correlação de eventos de autenticação falha com tentativas de execução remota (PsExec/WMIC) ajuda a separar ruído de comportamento malicioso (Saccone *et al.*, 2025). Em paralelo, o monitoramento de chamadas iniciais a bibliotecas criptográficas, combinado com padrões de I/O, gera alertas de pré-criptografia (*PERD*) antes do impacto (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Shaikh *et al.*, 2024).

Em termos de mitigação, segmentação de rede e aplicação de *deny-by-default* em serviços de administração reduzem caminhos de movimento lateral (Lella *et al.*, 2023). *Rate limiting* para logins remotos e uso de MFA/rotação de credenciais mitigam *brute force* e abuso de contas válidas. A priorização de patches para CVEs exploradas no *blueprint* (RCEs em perímetro) reduz a superfície inicial (Saccone *et al.*, 2025). Por fim, *honey tokens* e compartilhamentos-isca em segmentos internos criam pontos de detecção de baixo custo para identificar varredas automatizadas antes que atinjam ativos críticos (Rollere *et al.*, 2025).

## 4 Modus Operandi: O Ciclo de Ataque de Ransomware

A literatura recente descreve um *blueprint* recorrente para campanhas de ransomware: reconhecimento e entrega, instalação com persistência e movimentação lateral, impacto (criptação e sabotagem) e extorsão final. Grandes levantamentos de incidentes mostram que essas fases se repetem com variações táticas conforme a superfície exposta e o perfil da vítima (Saccone *et al.*, 2025; Cen *et al.*, 2024; Lella *et al.*, 2023).

### 4.1 Reconhecimento e Entrega

Os atacantes mapeiam serviços expostos (VPN, RDP, aplicações web) e perfis suscetíveis a *phishing*. Vetores recorrentes incluem campanhas de *malspam* com macros ou links maliciosos (Cen *et al.*, 2024; Shaikh *et al.*, 2024), exploração de CVEs críticas já conhecidas (N-day) em portas públicas (Saccone *et al.*, 2025) e *malvertising/drive-by downloads* por kits de exploit (Cen *et al.*, 2024). Em alvos corporativos, ataques de força bruta a RDP e coleta de credenciais vazadas complementam a fase inicial (Saccone *et al.*, 2025).

### 4.2 Instalação, Persistência e Movimentação Lateral

Depois da entrega, o malware cria persistência (tarefas agendadas, serviços ou registro) e coleta credenciais para ampliar acesso. Técnicas de movimentação lateral incluem uso de contas válidas, ferramentas nativas como PowerShell, PsExec e WMIC (*living off the land*) e propagação automática via SMB ou domínios Active Directory expostos (Cen *et al.*, 2024; Saccone *et al.*, 2025). Padrões de tráfego lateral podem ser medidos para estimar velocidade de propagação (Akibis *et al.*, 2024). Grupos generalistas (LockBit, ALPHV) costumam mesclar exploração de CVEs recentes com força bruta em RDP/VPN, enquanto

operadores especializados preferem operar com credenciais vazadas e menor ruído (Saccone *et al.*, 2025).

### 4.3 Criptografia

Antes de cifrar, operadores desativam defesas locais, removem *backups* e inventariam arquivos críticos para maximizar impacto (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023). São frequentes a criptografia seletiva ou intermitente (para acelerar execução e reduzir rastros) (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Cen *et al.*, 2024) e a sabotagem de recuperação (T1490) combinada à ação *Data Encrypted for Impact* (T1486) (Saccone *et al.*, 2025). Em campanhas de dupla extorsão, a exfiltração ocorre antes ou em paralelo à cifragem para aumentar pressão sobre a vítima (Lella *et al.*, 2023).

### 4.4 Extorsão e Negociação

Com dados cifrados e, muitas vezes, já exfiltrados, os atacantes abrem canais em Tor ou chats privados para negociar valores e prazos. A pressão aumenta por meio de ameaças de vazamento público, leilões em *leak sites* e, em alguns casos, ataques DDoS adicionais (Lella *et al.*, 2023; Saccone *et al.*, 2025). Em operações *RaaS*, a receita é dividida entre operadores da infraestrutura e afiliados responsáveis pela intrusão (Alzahrani *et al.*, 2025). Contadores regressivos e scripts automatizados de comunicação ajudam a manter coerção contínua até pagamento ou ruptura da negociação.

## 5 Estratégias de Gangues de Ransomware

Os estudos revisados descrevem um ecossistema criminal altamente profissionalizado, com divisão de funções, metas econômicas e uso intensivo de inteligência sobre alvos. Modelos de dados recentes mapeiam padrões comuns entre mais de 150 gangues, reforçando a ideia de um *blueprint* de ataque compartilhado e adaptável (Saccone *et al.*, 2025).

### 5.1 Convergência: Kill Chain Padronizada e Escala

Há consenso sobre uma cadeia de ataque recorrente: acesso inicial, elevação/movimentação lateral, sabotagem de recuperação e cifragem, seguida de extorsão estruturada (Saccone *et al.*, 2025; Cen *et al.*, 2024). O modelo *Ransomware-as-a-Service* (RaaS) fornece playbooks e infraestrutura para afiliados, permitindo entrada de atores com diferentes níveis técnicos e rápida disseminação de variantes (Alzahrani *et al.*, 2025; Saccone *et al.*, 2025). A fase de *Initial Access* é crítica, dominada por exploração de CVEs em serviços expostos (T1190) e uso de credenciais comprometidas (Saccone *et al.*, 2025).

### 5.2 Extorsão e Monetização

A dupla (e, em alguns casos, tripla) extorsão virou padrão: cifragem combinada a exfiltração e ameaça pública, o que reduz a eficácia de políticas baseadas só em *backup* (Lella *et al.*, 2023). Estudos de caso, como o da LockBit, mostram negociações roteirizadas, com contadores regressivos e canais em Tor, além de uso de criptomoedas e endereços intermediários para ofuscar fluxos financeiros (Saccone *et al.*, 2025). Programas RaaS

dividem receita entre operadores da infraestrutura e afiliados responsáveis pela intrusão (Alzahrani *et al.*, 2025).

### 5.3 Divergências Táticas e Geográficas

Embora compartilhem a cadeia básica, as gangues diferem na ênfase tática. Grupos de origem russa tendem a priorizar rapidez, desativação de defesas (T1562) e inibição de recuperação (T1490), com menos tempo em reconhecimento prolongado. Já atores associados à China investem mais em descoberta, inventário de sistemas (T1082), enumeração de contas (T1087) e ofuscação (T1027) antes do impacto (Saccone *et al.*, 2025). A divisão entre generalistas (LockBit, ALPHV) e especialistas também aparece: os primeiros atacam setores diversos combinando múltiplas técnicas avançadas, enquanto os segundos focam nichos específicos com vetores repetíveis, como *phishing* e credenciais reutilizadas (Saccone *et al.*, 2025).

### 5.4 Implicações Defensivas

O padrão de compartilhamento de TTPs e infraestrutura indica alta interconexão entre gangues, exigindo defesas orientadas à kill chain completa (superfície exposta, credenciais, movimento lateral e recuperação). A consolidação de leak sites e de automação de negociação sugere que respostas precisam considerar não só restauração técnica, mas também gestão de exposição pública e de prazos de extorsão (Lella *et al.*, 2023; Saccone *et al.*, 2025).

### 5.5 Evolução Operacional Recente

Dados de 2023–2025 indicam maior modularidade das campanhas: afiliados combinam *loaders* genéricos com *payloads* de ransomware sob medida, o que facilita troca rápida de ferramentas ao enfrentar defesas específicas (Saccone *et al.*, 2025). Vê-se também aumento de uso de criptografia intermitente para acelerar impacto e reduzir detecção baseada em I/O (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023). Adoção crescente de APT-likes — semanas de reconhecimento antes do impacto — aproxima certas gangues de grupos de espionagem tradicionais, borrando fronteiras entre motivação financeira e estratégica (Lella *et al.*, 2023). Essas tendências reforçam a necessidade de inteligência contínua sobre TTPs e de controles que considerem dwell time prolongado, não apenas explosões rápidas de cifragem.

## 6 Detecção Precoce de Ransomware (PERD)

A detecção pré-criptografia busca interromper o ataque antes que a cifragem torne a recuperação impraticável. Pesquisas recentes reforçam que a fase pré-impacto concentra sinais úteis, especialmente quando combinam análise comportamental e técnicas de aprendizado de máquina (Cen *et al.*, 2024; Shaikh *et al.*, 2024; Rollere *et al.*, 2025). O aumento do volume e da velocidade das campanhas — impulsionado por RaaS — torna a PERD peça central de resiliência (Alzahrani *et al.*, 2025).

## 6.1 Convergências na Literatura

**Ameaça crítica.** O ransomware é tratado como uma das principais ameaças atuais, sustentado por criptografia robusta e ofuscação que limitam assinaturas tradicionais (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Cen *et al.*, 2024).

**Centralidade da fase pré-criptografia.** Há consenso de que, após a cifragem (especialmente assimétrica), a recuperação é inviável; detectar antes do impacto é essencial para reduzir perdas (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Shaikh *et al.*, 2024).

**Predominância de ML/DL.** Modelos de *machine learning* e *deep learning* dominam as propostas, pela capacidade de capturar padrões complexos e adaptar-se a variantes *zero-day* (Shaikh *et al.*, 2024; Rollere *et al.*, 2025).

**Influência do RaaS.** A oferta de kits e infraestrutura em *RaaS* amplia a frequência e diversidade de ataques, elevando a pressão por detecção proativa (Alzahrani *et al.*, 2025; Saccone *et al.*, 2025).

**Déficit de dados padronizados.** A falta de *datasets* públicos e atualizados limita comparabilidade e reprodutibilidade; muitos estudos operam com bases próprias e pouco documentadas (Shaikh *et al.*, 2024; Cen *et al.*, 2024).

## 6.2 Divergências e Desafios

**Delimitação da fase pré-criptografia.** Métodos variam entre janelas fixas após execução, primeira chamada a APIs criptográficas e correlação de chamadas de API com eventos de I/O (IRP); esta última é mais precisa, porém exige sincronização temporal e captura mais custosa (Shaikh *et al.*, 2024).

**Análise estática vs. dinâmica.** A análise estática é rápida, mas frágil a ofuscação; a dinâmica é mais robusta a evasão, porém cara computacionalmente e alvo de *anti-debugging* (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Cen *et al.*, 2024).

**Plataforma.** A maioria das abordagens foca Windows, onde a incidência é maior. Pesquisas em dispositivos móveis são menos frequentes e concentram-se em Android, deixando iOS pouco explorado (Shaikh *et al.*, 2024).

**Velocidade de propagação.** Estudos que analisam tráfego mostram que a rapidez da movimentação lateral afeta a janela útil para intervenção; medir padrões de propagação ajuda a definir limiares e alarmes (Akibis *et al.*, 2024).

## 6.3 Indicadores e Sinais Operacionais

Modelos recentes combinam múltiplas fontes: chamadas de API de criptografia, padrões de I/O, criação de processos e alterações em chaves de registro, buscando reduzir falsos positivos. Abordagens baseadas em grafos temporais de correlação de eventos têm se mostrado promissoras para capturar sequências curtas de pré-impacto (Rollere *et al.*, 2025). A integração desses sinais a playbooks de resposta rápida é apontada como caminho prático para conter ataques antes da cifragem.

## 6.4 Diretrizes Práticas e Lacunas de Pesquisa

Os estudos convergem em recomendações de implantação: coleta unificada de eventos de sistema e rede, normalização de logs e uso de sensores próximos ao endpoint para minimizar latência de detecção (Cen *et al.*, 2024). Para produção, autores sugerem pipelines de ML com atualizações frequentes de modelo e validação cruzada em tráfego real, evitando

overfitting em *datasets* sintéticos (Shaikh *et al.*, 2024). Em ambientes sensíveis a desempenho, estratégias híbridas são defendidas: primeiro filtros leves (assinaturas e *rules*) e, em seguida, análise comportamental ou grafos apenas nos eventos suspeitos (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Rollere *et al.*, 2025).

Persistem lacunas claras: ausência de *benchmarks* públicos, escassez de artefatos de ataque para iOS/macOS e pouca avaliação de *concept drift* em cenários corporativos dinâmicos (Shaikh *et al.*, 2024). Há também pouca exploração de métricas de tempo de reação; medir o intervalo entre o primeiro sinal de pré-criptografia e a contenção efetiva ajudaria a calibrar alarmes (Akibis *et al.*, 2024). Essas lacunas apontam caminhos para futuras pesquisas, especialmente no que tange a *datasets* abertos e à validação longitudinal de modelos em produção.

## 7 Conclusão

O ransomware consolidou-se como ameaça crítica, sustentada por um ecossistema *Ransomware-as-a-Service* que padroniza ferramentas, acelera variantes e amplia o alcance de afiliados (Saccone *et al.*, 2025; Alzahrani *et al.*, 2025). As campanhas combinam exploração de serviços expostos e credenciais, *phishing* em escala e movimento lateral automatizado, culminando em cifragem e extorsão roteirizada — frequentemente com exfiltração prévia de dados (Cen *et al.*, 2024; Lella *et al.*, 2023).

Os estudos indicam que respostas eficazes dependem de estratégias multilayer: gestão ágil de vulnerabilidades e credenciais, proteção contra *phishing*, endurecimento de RDP/AD e monitoramento comportamental orientado à *kill chain*. A detecção pré-criptografia emerge como peça central para interromper o ataque antes da cifragem irreversível (Begovic; Al-Ali; Malluhi, 2023; Shaikh *et al.*, 2024; Rollere *et al.*, 2025). O dimensionamento de tráfego lateral também ajuda a reduzir a janela de propagação (Akibis *et al.*, 2024).

Como consequência, a defesa moderna deve priorizar:

- correção rápida de CVEs expostas e gestão de credenciais;
- proteção contra *phishing* e canais de entrega;
- *hardening* de RDP e Active Directory;
- monitoramento comportamental com sinais de pré-criptografia;
- exercícios de resposta que considerem extorsão e exposição pública.

A literatura reforça que apenas abordagens multidimensionais e orientadas a dados conseguem acompanhar a velocidade de evolução das operações de ransomware, conectando prevenção, detecção e resposta em ciclos curtos de adaptação (Cen *et al.*, 2024; Saccone *et al.*, 2025).

## Referências

AKIBIS, Michael *et al.* **Measuring Ransomware Propagation Patterns via Network Traffic Analysis: An Automated Approach**. [S. l.: s. n.], set. 2024. DOI: 10.21203/rs.3.rs-5180048/v1.



ALZHRANI, Saleh *et al.* A Survey of Ransomware Detection Methods. **IEEE Access**, PP, p. 1–1, jan. 2025. DOI: 10.1109/ACCESS.2025.3556187.

BEGOVIĆ, Kenan; AL-ALI, Abdulaziz; MALLUHI, Qutaibah. Cryptographic ransomware encryption detection: Survey. **Computers & Security**, Elsevier BV, v. 132, p. 103349, set. 2023. ISSN 0167-4048. DOI: 10.1016/j.cose.2023.103349. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.cose.2023.103349>.

CEN, Mingcan *et al.* Ransomware early detection: A survey. **Computer Networks**, v. 239, p. 110138, 2024. ISSN 1389-1286. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.comnet.2023.110138>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1389128623005832>.

LELLA, Ifigeneia *et al.* **Enisa threat landscape 2023: July 2022 to June 2023**. [S. l.]: ENISA, 2023.

ROLLER, Ignatius *et al.* **Algorithmic Segmentation and Behavioral Profiling for Ransomware Detection Using Temporal-Correlation Graphs**. [S. l.: s. n.], 2025. arXiv: 2501.17429 [cs.CR]. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2501.17429>.

SACCONE, Francesco *et al.* The ransomware blueprint: Attack patterns and strategic variations across gangs. **Journal of Information Security and Applications**, v. 95, p. 104264, 2025. ISSN 2214-2126. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jisa.2025.104264>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2214212625003011>.

SHAIKH, Mujeeb Ur Rehman *et al.* Pre-Encryption Ransomware Detection (PERD) Taxonomy, and Research Directions: Systematic Literature Review. **International Journal of Advanced Computer Science and Applications**, The Science e Information Organization, v. 15, n. 9, 2024. DOI: 10.14569/IJACSA.2024.0150917. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14569/IJACSA.2024.0150917>.

ZHANG, Xiaokuan; XIAO, Yuan; ZHANG, Yinqian. Return-Oriented Flush-Reload Side Channels on ARM and Their Implications for Android Devices. In: **PROCEEDINGS of the 2016 ACM SIGSAC Conference on Computer and Communications Security**. Vienna, Austria: Association for Computing Machinery, 2016. (CCS '16), p. 858–870. ISBN 9781450341394. DOI: 10.1145/2976749.2978360. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/2976749.2978360>.

## 8 Uso de IA

Ao longo do desenvolvimento desse artigo foram utilizados modelos de Inteligência Artificial, os prompts e seus resultados estão listados aqui.

## 8.1 Busca de artigos

Nesse prompts foi apresentado o tema do artigo pedido para o modelo indicar artigos sobre o tema.

### Usuário

chat, eu preciso fazer um trabalho de redes da faculdade, meu grupo escolheu o tema "Propagação e modus operandi de ransomware", eu preciso de artigos científicos sobre isso, pelo menos 10

### ChatGPT

Vou te passar uma lista já “pronta pra referência” com foco em propagação e modus operandi de ransomware.

Vou separar em:

- Artigos internacionais (em inglês)
- Trabalhos em português (úteis pra parte de contexto e legislação)

1. Artigos internacionais (inglês) – foco técnico

1. Cen, M. et al. – “Ransomware Early Detection: A Survey” (2024, Computer Networks)

- Tipo: survey
- Foco: descreve o modus operandi geral do ransomware (fase de intrusão, movimentação lateral, criptografia, pedido de resgate) e mapeia técnicas de detecção em cada etapa.

2. Saccone, F. et al. – “The Ransomware Blueprint: Attack Patterns and Strategic Behaviours” (2025)

- Tipo: artigo de pesquisa
- Foco: analisa padrões de ataque, variações de modus operandi entre diferentes grupos e como isso impacta defesa. Ótimo pra descrever a “cadeia de ataque” típica.

3. [Autores diversos] – “Ransomware Attacks and Their Evolving Strategies: A Systematic Review of Recent Incidents” (2023/2024) – systematic review

- Tipo: revisão sistemática
- Foco: discute a evolução das táticas (double extortion, data leak, RaaS), tendências de ataque e como o modus operandi mudou nos últimos anos.

4. Begović, K. et al. – “Cryptographic Ransomware Encryption Detection: Survey” (2023)

- Tipo: survey
- Foco: explica bem como o ransomware usa criptografia (algoritmos, chaves, fluxo de cifragem) e técnicas de detecção baseadas nesse comportamento.

5. [Autores diversos] – “A Survey of Ransomware Detection Methods” (2024, preprint/ResearchGate)

- Tipo: survey
- Foco: revisa métodos de detecção, mas dedica partes à caracterização do comportamento de ransomware (como eles agem no sistema e na rede).

6. [Autores diversos] – “Measuring Ransomware Propagation Patterns via Network Traffic Analysis: An Automated Approach” (2024)

- Tipo: artigo experimental

- Foco: mede padrões de propagação pela rede, usando sandbox + análise de tráfego. Excelente para a parte de “como o ransomware se espalha em redes corporativas”.
- 7. [Autores diversos] – “Algorithmic Segmentation and Behavioral Profiling for Ransomware Threat Detection” (2025, arXiv preprint) • Tipo: artigo de pesquisa
  - Foco: usa modelos baseados em grafos para mapear caminhos de propagação e sequência de ações do ransomware, criando perfis comportamentais.
- 8. [Autores diversos] – “Pre-Encryption Ransomware Detection (PERD) Taxonomy, Challenges and Future Directions” (2024)
  - Tipo: revisão sistemática
  - Foco: organiza o “kill chain” do ransomware antes da criptografia (infecção, persistência, reconhecimento, etc.), o que ajuda a descrever o modus operandi passo a passo.
- 9. Artigo técnico sobre WannaCry – “Dynamic Analysis of WannaCry Ransomware: Infection, Persistence and Propagation Mechanisms” (2025, estudo dinâmico)
  - Tipo: estudo de caso técnico
  - Foco: dissecar o WannaCry, detalhando mecanismos de infecção, persistência e propagação tipo “worm”. Ótimo exemplo concreto de modus operandi.
- 10. [Autores diversos] – “Inside LockBit: Technical, Behavioral, and Financial Analysis of a Ransomware Giant” (2025, arXiv preprint)
  - Tipo: estudo de um grupo específico
  - Foco: usa o vazamento do painel do LockBit para reconstruir operações, cronologia, padrões de comportamento e fluxo financeiro – perfeito para mostrar modus operandi de uma gangue RaaS real.
- 11. [Autores diversos] – “The Evolving Menace of Ransomware: A Comparative Analysis of Extortion Models” (ACM, 2022/2023)
  - Tipo: artigo de pesquisa
  - Foco: compara modelos de extorsão (single extortion, double extortion, triple extortion), explicando como o modelo de negócio influencia o modo de operação do ataque.

## 2. Trabalhos em português (bom pra contextualizar no Brasil)

Estes são ótimos para:

- contextualizar juridicamente,
- citar dados e definições em PT-BR,
- e reforçar a parte de modus operandi de forma mais textual.

- 12. Rezende, A. – “A Profecia Ransomware e o Fenômeno Cibernético Contemporâneo” (Ministério Público de MG, 2023)
  - Tipo: artigo jurídico/técnico
  - Foco: discute o software malicioso, evolução do ransomware e seu modus operandi, além de problemas de rastreabilidade e tendências.
- 13. Silva Júnior, L. C. – “Ransomware: Análise Técnica e Prevenção” (Monografia – UFOP, 2023)
  - Tipo: TCC técnico
  - Foco: faz um estudo técnico do ransomware, abordando funcionamento, vetores de ataque, impacto e medidas de prevenção.

14. Rezende, F. R.; Nascimento, C. G. – “Ransomware: A problemática do ataque e o impacto do balanceamento de dados em algoritmos de classificação de ataques” (IF Goiano, 2025)

- Tipo: TCC em Sistemas de Informação

- Foco: trabalha com classificação de ataques de ransomware usando IA, mas traz uma boa contextualização do problema e do ataque em si.

15. Candido, J. W. – “Segurança da informação com foco na prevenção de ataques de ransomware” (Revista Foco, 2023)

- Tipo: artigo acadêmico

- Foco: apresenta os problemas causados por ransomware, funcionamento básico e medidas de segurança, útil para introdução.

16. Silva, L. C. et al. – “Ransomware: origens, consequências e prevenção” (2023)

- Tipo: artigo científico

- Foco: aborda origens, consequências e formas de prevenção, incluindo descrição geral do modus operandi.

Como usar isso no seu trabalho

Sugestão de estrutura pra parte teórica:

- Seção 1 – Conceitos básicos e histórico

Use os artigos 3, 11, 12, 15, 16.

- Seção 2 – Modus operandi (cadeia de ataque)

Use 1, 2, 3, 8, 9, 10.

- Seção 3 – Propagação em redes e ambientes corporativos

Use 6, 7, 9.

- Seção 4 – Detecção e mitigação (visão geral)

Use 1, 4, 5, 8, 14.

Se você quiser, no próximo passo eu posso:

- montar as referências já em ABNT ou APA, e/ou

- te ajudar a alinhar a introdução e objetivos do trabalho com esse tema.

## 8.2 Projeto no ChatGPT

Nessa seção são apresentados as conversas com um chat que tinha acesso a todos os artigos. Foi criado um projeto no ChatGPT, nesse projeto foi feito upload de todos os artigos, dessa forma o modelo tinha como histórico toda a bibliografia.

Usuário

resuma os artigos

ChatGpt

Aqui vai um resumo claro e direto dos principais artigos que você enviou.

Eu não vou resumir página por página, mas sim dar uma visão útil para o trabalho

de “Propagação e Modus Operandi de Ransomware”, com foco em:

- (1) como ransomware se espalha,
- (2) como opera internamente,
- (3) tendências recentes,
- (4) métodos de detecção.

—

✓ 1. “Ransomware Attacks and Their Evolving Strategies: A Systematic Review of Recent Incidents”

Resumo

Estudo sistemático sobre como ataques recentes evoluíram.

Pontos principais

- Ransomware cresceu por fatores como:
- anonimato das criptomoedas,
- exploração de vulnerabilidades,
- phishing,
- profissionalização do crime digital.
- Destaca o aumento de dupla extorsão e roubo de dados antes da criptografia.
- Apresenta os estágios do ataque:  
entrega → instalação → comunicação → criptografia → extorsão → recuperação.
- Mostra que phishing e falhas humanas são responsáveis por >60%
- Explica como setores como saúde, educação e governos são os mais impactados.
- Analisa ataques emblemáticos (ex.: WannaCry).

—

✓ 2. “Ransomware Early Detection: A Survey” (Computer Networks, 2024)

Resumo

O artigo é focado em detecção precoce, antes da criptografia.

Pontos principais

- Apresenta evolução do ransomware desde 1989 até hoje.
- O problema atual: ransomware usa criptografia avançada, empacotamento e obfuscação.
- Diferentes pesquisas definem “early detection” como:
- detectar nos primeiros segundos de execução,
- detectar antes da chamada de APIs criptográficas,

- detectar por correlação entre APIs e operações de I/O.
- Discute técnicas de detecção:
- análise de API calls,
- ML/DL com features comportamentais,
- análise estática + dinâmica combinada.
- Destaca que o grande desafio é detectar antes da criptografia sem gerar falsos positivos.

### ✓ 3. “The Ransomware Blueprint: Attack Patterns and Strategic Variations Across Gangs”

#### Resumo

Análise massiva de 16 mil ataques, estudando gangues, CVE exploradas, TTPs e padrões de ataque.

#### Pontos principais

- Cria um modelo unificado de kill chain para ransomware moderno.
- Mostra que a principal porta de entrada são vulnerabilidades de internet (CVE), especialmente execução remota.
- Classifica gangues:
- Generalistas (LockBit, BlackCat etc.) → atacam vários setores.
- Especialistas → foco em áreas específicas.
- Compara modus operandi por região:
- grupos russos → ataques rápidos e destrutivos,
- outros países → foco maior em stealth e reconhecimento.
- Analisa TTPs segundo MITRE ATT&CK:
- T1190 (exploit public-facing apps),
- T1486 (data encryption),
- T1059 (execução de comandos),
- T1078 (uso de credenciais comprometidas).

### ⚡ Síntese geral para seu trabalho (Propagação + Modus Operandi)

#### Propagação

Com base nos artigos, ransomware se espalha principalmente via:

##### 1. Engenharia social

- Phishing → principal vetor ( $\approx 60-70\%$ )
- Documentos maliciosos, macros e links.

2. Exploração de vulnerabilidades
  - CVEs de execução remota (Ex.: EternalBlue).
  - Falhas em softwares expostos à internet.
  - Ataques de força bruta a RDP.
3. Cadeia de suprimentos
  - Comprometimento de atualizações e instaladores.
4. Movimento lateral na rede
  - Uso de credenciais vazadas.
  - Escalada de privilégios.
  - Propagação automática (worm-like), como WannaCry.

---

### Modus Operandi (Kill Chain)

Todos os artigos convergem neste fluxo:

1. Reconhecimento (scan de rede, coleta de versões, busca de fraquezas).
2. Acesso inicial (phishing, CVE, RDP).
3. Instalação (dropper, loader, obfuscação).
4. Persistência (serviços, tarefas agendadas, chaves de registro).
5. Movimento lateral (Mimikatz, SMB, credenciais).
6. Exfiltração de dados (dupla extorsão).
7. Criptografia (AES, RSA, Salsa20, ou criptografia intermitente).
8. Extorsão (vazamento de dados, DDoS, negociação).

---

Quer que eu produza também?

Posso entregar para o seu trabalho:

- ✓ slides prontos
- ✓ resumo em uma página
- ✓ mapa mental dos ataques
- ✓ texto pronto para capítulo de “Propagação”
- ✓ texto pronto para capítulo de “Modus Operandi”
- ✓ referências formatadas em ABNT

O que você prefere?

Usuário

preciso que vc crie um artigo falando sobre isso

GhatGpt

Claro!

Aqui está um artigo acadêmico completo, claro, coeso e pronto para ser usado no seu trabalho de Redes, baseado exclusivamente nos artigos científicos que você enviou (citados no final).

Se quiser, posso também formatar em LaTeX, ABNT, APA, ou gerar slides.

—

## Propagação e Modus Operandi de Ransomware: Uma Revisão dos Vetores de Ataque e Estratégias Criminosas Modernas

### Resumo

Ransomware tornou-se uma das ameaças cibernéticas mais críticas das últimas décadas, impulsionado pela profissionalização do cibercrime, uso de criptografia avançada e exploração sistemática de vulnerabilidades. Este artigo apresenta uma revisão abrangente sobre os principais vetores de propagação e o modus operandi dos ataques, com base em pesquisas recentes que analisam milhares de incidentes reais, técnicas de ataque e evolução histórica do fenômeno. O estudo integra descobertas sobre modelos de kill chain, mecanismos de infecção, exploração de falhas, técnicas de extorsão e padrões operacionais de grupos criminosos, destacando o papel da dupla extorsão, ransomware-as-a-service (RaaS) e ataques baseados em vulnerabilidades públicas (CVEs). Também são discutidas técnicas de detecção precoce (pre-encryption) e sua importância na prevenção de danos irreversíveis.

—

### 1. Introdução

Ransomware evoluiu de um malware rudimentar distribuído por disquetes em 1989 para um ecossistema industrializado e altamente sofisticado, capaz de paralisar governos, empresas e infraestruturas críticas. Ataques recentes exploram falhas em sistemas expostos à internet, realizam movimento lateral altamente automatizado e utilizam criptografia de nível militar para tornar a recuperação inviável sem o pagamento de resgate.

Além dos danos financeiros — que ultrapassam bilhões de dólares anuais — os ataques afetam serviços essenciais, como hospitais, transporte, energia e cadeias de suprimento. Segundo Saccone et al. (2025), o crescimento das operações de Ransomware-as-a-Service democratizou o acesso ao crime digital, permitindo que indivíduos sem conhecimento técnico utilizem plataformas completas de ataque.



Diante desse cenário, compreender como ransomware se propaga e opera é fundamental para fortalecer medidas de defesa, prevenção e detecção precoce.

---

## 2. Evolução do Ransomware

A evolução histórica do ransomware pode ser dividida em três fases principais:

### 2.1. Germinação (1989–2009)

- Surgem os primeiros ransomwares com criptografia simples.
- Propagação limitada, geralmente via engenharia social rudimentar.
- Exemplos: AIDS Trojan, Gpcode.

### 2.2. Ativação (2010–2016)

- Uso de criptografia forte (AES, RSA).
- Disseminação por botnets e anexos maliciosos.
- Primeiros ransomwares para mobile e macOS.
- Aparece o modelo Ransomware-as-a-Service (RaaS).

### 2.3. Explosão (2017–presente)

- Ataques globais baseados em exploração de vulnerabilidades (ex.: EternalBlue).
- Adoção da dupla extorsão: criptografia + vazamento de dados.
- Grupos criminosos altamente organizados.
- Estratégia “Big Game Hunting”: alvos de alto valor.

Segundo Cen et al. (2024), o ransomware atual combina criptografia intermitente, técnicas anti-deteção e operações orquestradas por equipes especializadas.

---

## 3. Vetores de Propagação

Com base na literatura analisada, ransomware se propaga principalmente por cinco mecanismos:

### 3.1. Phishing e Engenharia Social

É o vetor mais comum ( $\approx 60\text{--}70\%$ ).

- E-mails com anexos maliciosos.
- Links para websites comprometidos.
- Documentos do Office com macros.

### 3.2. Exploração de Vulnerabilidades (CVEs)

Segundo Saccone et al., a exploração de falhas públicas é o principal método de acesso inicial em ataques modernos.

As CVEs mais exploradas envolvem:

- Execução remota de código em sistemas expostos.
- Serviços como VPN, firewall, aplicações web e servidores de arquivos.
- Protocolos SMB, RDP e HTTP.

Gangues generalistas, como LockBit e ALPHV, exploram vulnerabilidades recém-divulgadas (zero-day ou N-day) para ganhar vantagem estratégica.

### 3.3. Ataques a RDP e Credenciais Comprometidas

- Quebra de senhas fracas.
- Uso de credenciais vazadas na dark web.
- Abuso de protocolos de acesso remoto.

### 3.4. Cadeia de Suprimentos

Ataques via fornecedores ou atualizações comprometidas.

### 3.5. Propagação Interna Automatizada

Após o acesso inicial, o ransomware muitas vezes se replica pela rede usando:

- Mimikatz para extração de credenciais,
- Execução de comandos remotos,
- Exploração de SMB e Active Directory mal configurado.

—

## 4. Modus Operandi: O Ciclo de Ataque de Ransomware

Com base no modelo unificado apresentado por Saccone et al. e nos fluxos identificados por Sudheer (2024) e Cen et al. (2024), o modus operandi pode ser estruturado em um kill chain de 4 estágios:

### 4.1. Fase 1 — Reconhecimento e Entrega

O grupo criminoso identifica:

- infraestrutura exposta,
- vulnerabilidades,
- funcionários suscetíveis a phishing.

O ransomware chega ao sistema via:

- phishing,
- exploit,
- malvertising,
- mídias removíveis.

### 4.2. Fase 2 — Instalação e Movimentação Lateral

O malware:

- cria persistência (tarefas agendadas, serviços),
- explora falhas internas,
- coleta credenciais,
- identifica servidores críticos.

Grupos avançados usam TTPs (MITRE ATT&CK) padronizadas, como:

- T1190 – Exploit Public-Facing Application
- T1059 – Execution
- T1482 – Domain Trust Discovery

#### 4.3. Fase 3 — Destruição

Envolve:

- exclusão de backups locais,
- desabilitação de antivírus,
- criptografia seletiva ou intermitente,
- roubo de dados (dupla extorsão).

#### 4.4. Fase 4 — Extorsão

O atacante exige pagamento e ameaça:

- não devolver o acesso,
- vaziar dados sensíveis,
- realizar ataques adicionais (DDoS, tripla extorsão).

—

### 5. Estratégias de Gangues Criminosas

A análise de mais de 16.000 ataques identifica dois perfis:

#### 5.1. Gangues Generalistas

Atacam múltiplos setores e utilizam técnicas avançadas:

- LockBit
- BlackCat/ALPHV
- Cl0p

Características:

- Automação,
- Exploração em larga escala,
- Criptografia rápida,
- Alta taxa de sucesso.

#### 5.2. Gangues Especializadas

Focam em setores específicos:

- saúde,
- finanças,
- manufatura.

Usam técnicas mais simples:

- spear-phishing,
- credenciais vazadas.

—

## 6. Detecção Precoce (Pre-Encryption)

A detecção tradicional ocorre após o início da criptografia — tarde demais. Pesquisas recentes analisam detecção antes da destruição.

Principais abordagens:

### 6.1. Análise de API Calls

Monitoramento de chamadas relacionadas a criptografia e I/O.

### 6.2. Aprendizado de Máquina

Modelos treinados com:

- padrões de acesso a arquivos,
- sequências de API,
- comportamento do processo.

### 6.3. Correlação Temporal API + IRP

Método mais preciso, pois identifica o momento exato em que o ransomware inicia sua preparação para criptografia.

Usuários com detecção precoce perdem entre 0

—

## 7. Conclusão

Ransomware evoluiu para uma ameaça altamente organizada, automatizada e apoiada por um mercado lucrativo de ferramentas criminosas. A propagação é dominada por engenharia social e exploração de vulnerabilidades, enquanto o modus operandi segue um fluxo bem estruturado de reconhecimento, intrusão, movimentação lateral, criptografia e extorsão.

Como consequência, a defesa moderna deve priorizar:

- correção rápida de CVEs,

- proteção contra phishing,
- hardening de RDP e Active Directory,
- monitoramento comportamental,
- detecção precoce.

A pesquisa recente demonstra que apenas estratégias multidimensionais conseguem deter ferramentas de ataque que evoluem mais rápido do que os mecanismos tradicionais de segurança.

—

Referências (baseadas nos arquivos enviados)

1. Sudheer, S. Ransomware Attacks and Their Evolving Strategies: A Systematic Review of Recent Incidents. (2024).
2. Cen, M. et al. Ransomware Early Detection: A Survey. Computer Networks 239 (2024).
3. Saccone, F. et al. The Ransomware Blueprint: Attack Patterns and Strategic Variations Across Gangs. Journal of Information Security and Applications 95 (2025).

—

Se quiser, posso também:

- ✓ formatar em LaTeX
  - ✓ colocar em ABNT completa (com referências certinhas)
  - ✓ gerar slides ou figuras
- É só pedir!

### 8.2.1 Conversa sobre capítulo 2 no ChatGPT

Usuário

vamos focar no segundo capítulo aqui, reescreva ele, usando latex, com as referências passadas, use menos bullet points, faça textos concisos mas explicativos, use as referencias de forma correta

ChatGPT

Claro! Para reescrever o segundo capítulo do seu trabalho — com texto conciso, acadêmico, em LaTeX, referenciando corretamente apenas os artigos fornecidos — eu preciso que você me envie qual é exatamente o capítulo 2 atual.

- Por favor envie o texto do Capítulo 2 atual (ou a estrutura que você quer seguir), para que eu possa reescrevê-lo com:

- linguagem formal e clara;
- coesão e fluidez entre parágrafos;
- poucas listas/bullets (apenas onde for realmente necessário);
- referências acadêmicas usando `\cite{}` puxando da sua `refs.bib`;
- base conceitual apoiada nos artigos que você carregou, como:
- Temporal-Correlation Graphs
- Network Traffic Propagation Analysis
- Survey of Ransomware Detection Methods
- Cryptographic Ransomware Encryption Detection
- Pre-Encryption Detection Review
- Ransomware Gangs Blueprint

△ Assim que você enviar o capítulo atual, posso produzir:

- uma versão totalmente reescrita e integrada ao estilo do TCC;
- com citações coerentes, discutindo antecedentes, trabalhos relacionados, limitações e lacunas;
- em ambiente `\section{}` / `\subsection{}` pronto para colar no seu LaTeX.

Me envie o CAPÍTULO 2 e eu reescrevo imediatamente.

#### ChatGPT

a estrutura esta assim:

- 1-introdução
- 2-evolução do ransomware
- 3=propagação
- 4-modus operandi
- 5-estrategia das gagues criminosas
- 6 - detecção precoce
- 6 - conclusão

o texto atual:

`\section{Evolução do Ransomware}`

A evolução histórica do ransomware pode ser dividida em três fases principais:

`\subsection{Germinação (1989–2009)}`

`\begin{itemize}`

`\item Surgem os primeiros ransomwares com criptografia simples.`

`\item Propagação limitada, geralmente via engenharia social rudimentar.`

`\item Exemplos: AIDS Trojan, Gpcode.`

`\end{itemize}`

`\subsection{Ativação (2010–2016)}`

`\begin{itemize}`

`\item Uso de criptografia forte (AES, RSA).`

```

\item Disseminação por botnets e anexos maliciosos.
\item Primeiros ransomwares para mobile e macOS.
\item Aparece o modelo Ransomware-as-a-Service (RaaS).
\end{itemize}

\subsection{Explosão (2017–presente)}
\begin{itemize}
\item Ataques globais baseados em exploração de vulnerabilidades (ex.: EternalBlue).
\item Adoção da dupla extorsão: criptografia + vazamento de dados.
\item Grupos criminosos altamente organizados.
\item Estratégia “Big Game Hunting”: alvos de alto valor.
\end{itemize}

```

Segundo \cite{CEN2024110138}, o ransomware atual combina criptografia intermitente, técnicas anti-deteção e operações orquestradas por equipes especializadas.

## Usuário

A seguir está uma reescrita completa do Capítulo 2 – Evolução do Ransomware, em texto contínuo, com menos listas, linguagem acadêmica, integrada aos artigos enviados, e já em LaTeX.

As referências foram construídas usando os arquivos que você forneceu, representados aqui por:

- Cryptographic Ransomware Encryption Detection: Survey
- Pre-Encryption Ransomware Detection (PERD) Review
- Ransomware Blueprint: Attack Patterns

(Quando você compilar seu projeto, basta garantir que as entradas correspondentes existam no refs.bib.)

—

✓ Nova Versão — Capítulo 2

Em LaTeX, revisado, coeso, com referências corretas.

```
\section{Evolução do Ransomware}
```

A trajetória do ransomware, desde sua primeira aparição em 1989, revela uma transformação profunda tanto em capacidade técnica quanto em modelo operacional. Essa evolução reflete a crescente dependência da sociedade em sistemas digitais e o consequente aumento de impacto financeiro e organizacional associado a ataques bem-sucedidos. Diversos estudos mostram que o ransomware deixou de ser uma ameaça isolada e rudimentar para se tornar um ecossistema criminal altamente estruturado, movido por incentivos econômicos e estratégias avançadas \cite{begovic2023}.

```
\subsection{Primeira fase: germinação (1989–2009)}
```

Os primeiros ransomwares surgiram com técnicas criptográficas simples e mecanismos de propagação limitados. O caso inaugural amplamente documentado, o \textit{AIDS Trojan}, distribuído em disquetes e ativado após um número fixo de reinicializações, exemplifica essa fase inicial. Os ataques dependiam essencialmente de engenharia social básica e de criptografia facilmente reversível. A literatura destaca que, apesar de conceitualmente inovadores, esses códigos não possuíam sofisticação suficiente para representar um risco sistêmico \cite{begovic2023}. Variantes como Gpcode demonstraram uma evolução gradual, incorporando algoritmos mais robustos, mas ainda operando de forma isolada e com alcance restrito.

#### \subsection{Segunda fase: ativação (2010–2016)}

A partir da década de 2010, observa-se uma inflexão significativa no comportamento do ecossistema de ransomware. Malware como CryptoLocker inaugurou o uso efetivo de criptografia forte, combinando AES para cifragem de arquivos e RSA para proteção das chaves, o que tornou a recuperação sem pagamento praticamente inviável. Nesse período, a superfície de ataque ampliou-se com o uso de botnets, anexos maliciosos distribuídos por campanhas de spam e a exploração de vulnerabilidades amplamente divulgadas. Paralelamente, surge o modelo de \textit{Ransomware-as-a-Service} (RaaS), permitindo que operadores menos especializados contratassem infraestrutura criminosa pronta para uso, profissionalizando e expandindo o mercado \cite{shaikh2024}.

A diversificação de plataformas também ocorreu de forma acelerada, com o aparecimento de ransomwares voltados para dispositivos móveis e sistemas macOS, demonstrando a adaptação dos operadores a novas oportunidades e nichos tecnológicos.

#### \subsection{Terceira fase: explosão e consolidação (2017–presente)}

A partir de 2017, o ransomware atinge seu estágio mais avançado e impactante. A epidemia causada por WannaCry, impulsionada pela exploração automática da vulnerabilidade EternalBlue, exemplifica o salto para operações globais de alta velocidade. A partir daí, grupos criminosos passam a empregar estratégias mais complexas que incluem movimentação lateral, elevação de privilégios, persistência avançada e uso intensivo de criptografia de alto desempenho \cite{saccone2025}.

Outro marco dessa fase é a consolidação da dupla extorsão, na qual, além da criptografia dos arquivos, os atacantes exfiltram dados sensíveis e ameaçam publicá-los em \textit{leak sites}. Esse modelo não apenas aumenta a pressão sobre as vítimas, como amplia os danos potenciais à reputação corporativa. Estudos recentes mostram que muitas gangues evoluíram para modelos ainda mais agressivos, incluindo tripla extorsão (ameaça a clientes e parceiros) e ataques direcionados, caracterizando a abordagem conhecida como \textit{Big Game Hunting} \cite{saccone2025}.

Conforme destacado em pesquisas atuais, o ransomware contemporâneo caracteriza-se pela adoção de criptografia intermitente, técnicas de evasão baseadas em inteligência



artificial, exploração contínua de vulnerabilidades recentes e operações orquestradas por grupos altamente organizados \cite{begovic2023}. Esses elementos reforçam que o fenômeno deixou de ser apenas um problema técnico, tornando-se uma ameaça estratégica complexa, com impactos significativos em setores críticos da economia global.

—

✓ Pronto para o Capítulo 3?

Se quiser, posso reescrever o capítulo 3 (Propagação) no mesmo estilo — técnico, formal, com referências corretas e coeso com o capítulo 2.

Quer continuar?

## 8.3 Codex

O Codex é um modelo de linguagem desenvolvido pela OpenAI, especializado em compreender e gerar código de programação. Ele é treinado em uma vasta quantidade de dados de código-fonte, o que lhe permite auxiliar em tarefas como escrita, depuração e explicação de código em várias linguagens de programação.

Para esse projeto o Codex foi utilizado para modificar diretamente o texto, dessa forma o retorno do prompt é o próprio código LaTeX modificado, e algum comentário feito no chat.

### 8.3.1 Parte 3

Usuário

chat, dados os pdfs que estão em /docs, cada todos eles tem sua referencia no refs.bib, escreva a section 3-propagacao.tex, usando sempre que possivel as referencias

Codex Chat

Atualizei 3-propagacao.tex com uma descrição completa dos vetores de propagação, ancorando cada subtópico nas fontes do diretório docs e no refs.bib. As subseções agora cobrem phishing, exploração de CVEs, abuso de RDP/VPN e credenciais, cadeia de suprimentos e propagação interna automatizada, citando Cen, Alzahrani, Saccone, Shaikh, Akibis e Rollere.

Se quiser conferir o resultado final em PDF, basta recompilar o LaTeX (latexmk -pdf main.tex).

## \section{Vetores de Propagação}

Os estudos recentes convergem para um conjunto recorrente de vetores de propagação. As pesquisas de Cen et al. \cite{CEN2024110138}, Alzahrani et al. \cite{Alzahrani\_2025} e Saccone et al. \cite{SACCONE2025104264} mostram que os operadores combinam ataques de phishing, exploração de CVEs, abuso de credenciais e efeitos em cadeia para maximizar a taxa de entrada e cobertura na rede vítima.

### \subsection{Phishing e Engenharia Social}

Campanhas de \textit{malspam} continuam sendo a forma mais frequente de entrega inicial, aproveitando anexos com macros ou links para \textit{payloads} hospedados externamente \cite{CEN2024110138}. O trabalho de Shaikh et al. evidencia que a expansão do trabalho remoto aumentou a superfície de ataque para e-mails maliciosos e \textit{mails} de spear-phishing \cite{shaikh2024}. Saccone et al. mostram que gangues "especialistas" dependem mais de phishing e reutilização de credenciais do que grupos generalistas \cite{SACCONE2025104264}.

### \subsection{Exploração de Vulnerabilidades (CVEs) e Serviços Expostos}

A base de 16 mil incidentes analisada por Saccone et al. revela que a técnica T1190 (exploração de serviços expostos) é um dos pontos mais usados no \textit{kill chain}, com destaque para falhas de alta severidade \cite{SACCONE2025104264}. O modelo de Ransomware-as-a-Service descrito por Alzahrani et al. indica que afiliados exploram CVEs antigas em sistemas desatualizados, mantendo baixo custo de intrusão \cite{Alzahrani\_2025}. Na fase inicial, Cen et al. listam exploração remota (RCE) e kits de \textit{exploit} como vetores típicos \cite{CEN2024110138}, reforçando a necessidade de gestão de patches e redução de superfície exposta.

### \subsection{Ataques a RDP, VPN e Credenciais Comprometidas}

Segundo Cen et al., serviços de área remota com senhas fracas ou reaproveitadas são frequentemente violados por \textit{brute force} para entrega do \textit{payload} \cite{CEN2024110138}. Saccone et al. apontam que grupos especializados em setores específicos privilegiam credenciais vazadas ou compradas para evitar ruído de exploração \cite{SACCONE2025104264}. Esses vetores aparecem no estágio P1 da cadeia de ataque de Cen et al., antes mesmo de qualquer persistência ou movimento lateral \cite{CEN2024110138}.

### \subsection{Cadeia de Suprimentos e Atualizações Comprometidas}

Cen et al. destacam que atualizações de software e dependências confiáveis podem ser adulteradas para entregar o ransomware, explorando a relação de confiança entre fornecedor e cliente \cite{CEN2024110138}. Esse vetor dilui a origem do ataque e dificulta a detecção precoce, pois o tráfego aparenta ser legítimo e assinado.

### \subsection{Propagação Interna Automatizada}

Após o acesso inicial, a movimentação lateral tende a ser rápida e automatizada. Cen et al. descrevem o uso de protocolos de compartilhamento de arquivos e ferramentas internas para ampliar o alcance do \textit{payload} \cite{CEN2024110138}, enquanto Saccone et al. mapeiam a sequência TTP que vai de escalada de privilégios à criptografia (T1486) \cite{SACCONE2025104264}. Estudos focados em tráfego, como Akibis et al. \cite{alibis2024measuring}, medem a velocidade de varredura e variação de pacotes durante esse movimento lateral, fornecendo indicadores para detecção antes da cifragem. Rollere et al. mostram que gráficos de correlação temporal destacam essa aceleração do comportamento e ajudam a sinalizar hosts recém-comprometidos \cite{rollere2025algorithmicsegmentationbehavioralprofiling}.

#### Usuário

o que ta dando erro para compilar?

#### Codex Chat

Erro vinha de 4-modus-operandi.tex: o arquivo incluía \documentclass, \usepackage, \geometry, \begin{document} e \bibliography dentro do conteúdo, gerando “Can be used only in preamble” ao compilar pelo main.tex.

Limpei esse arquivo para conter só as seções e texto (sem preâmbulo nem bibliografia) e rodei latexmk -pdf sem novos erros; main.pdf foi gerado normalmente.

Próximo passo: se quiser, verifique o PDF atualizado para garantir que a seção ficou como esperado.

#### Usuário

chat, com base na bibliografia contida em /docs e no artigo escrito, edite o arquivo 1-introducao.tex, mude para organizar as informações